



## DO ESTEREÓTIPO FURTIVO: QUANDO A MASCULINIDADE SE APROPRIA DO DISCURSO\*

### THE STEALTHY STEREOTYPE: WHEN MASCULINITY APPROACHES DISCOURSE

Fernanda Fernandes Pimenta de Almeida Lima<sup>1</sup>  
Kattiuze Maria Serra<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo objetiva estudar, à luz da Análise do Discurso francesa e da perspectiva bakhtiniana dos gêneros discursivos, alguns efeitos de sentidos produzidos no livro *Gatão de meia-idade: primeiras tiras* do autor Miguel Paiva (2008). Com base nas tiras que constituem o corpus desta pesquisa, observamos como o trabalho com este gênero em sala de aula pode instaurar um diálogo com o processo de leitura, interpretação e produção textual, somando-se a isto um olhar sobre as práticas sociais que forjam identidades ao homem e à mulher. A investigação apoia-se no método documental de abordagem qualitativa, uma vez que se inferenciam efeitos de sentidos sobre a masculinidade e a identidade do protagonista, um homem de meia idade que ancora seus enunciados no comportamento de suas namoradas, assegurando-lhes estereótipos que, pela via do humor, se escondem na ordem discursiva.

**Palavras-chave:** Gênero discursivo. Ensino. Identidades. Estereótipo.

**Abstract:** This article aims to study, in the light of the French Discourse Analysis and the Bakhtinian perspective of discursive genres, some effects of meanings produced in the book *Gatão de meia-idade: primeiras tiras* by the author Miguel Paiva (2008). Based on the strips that constitute the corpus of this research, we observe how working with this genre in the classroom can establish a dialogue with the process of reading, interpretation and textual production, adding to this a look at the social practices that forge identities for man and woman. The investigation is based on the documentary method of a qualitative approach, since effects of meanings are inferred on the masculinity and identity of the protagonist, a middle-aged man who anchors his statements in the behavior of his girlfriends, assuring them of stereotypes that, through humor, hide in the discursive order.

**Keywords:** Discursive genre. Teaching. Identities. Stereotype.

---

<sup>1</sup> Professora Pós-Doutora do Departamento de Letras da Universidade Estadual de Goiás (UEG-UnUInhumas). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1924-4780>. E-mail: [ffpalima@uol.com.br](mailto:ffpalima@uol.com.br).

<sup>2</sup> Professora da Secretaria de Estado da Educação de Goiás (SEDUC-GO). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9631-4383>. E-mail: [kattiuceserra.93@gmail.com](mailto:kattiuceserra.93@gmail.com).

\* Artigo recebido em 18 de julho de 2022. Aceito para publicação em 14 de novembro de 2022.

## Introdução

Este trabalho tem como objetivo analisar a construção normativa do discurso masculino no livro *Gatão de meia-idade: primeiras tiras* do autor Miguel Paiva (2008). As histórias do *Gatão de meia-idade*, em síntese, montam um retrato das relações que envolvem homem e mulher nos dias atuais e remetem aos prazeres e crises que povoam seus enunciados. O personagem Gatão reproduz a imagem do homem confiante e, ao mesmo tempo, inseguro, autorreferente e engraçado. Cada namorada que passa por sua vida é caracterizada por sua visão masculinizada. Para ele, nenhuma namorada atendia suficientemente a suas exigências e todas tinham suas manias, descritas, ao longo das tiras, em um capcioso processo de estereotipização identitária. Apaixonou-se por algumas, até que se casou e teve uma filha.

Considerando que os comportamentos na atualidade traduzem práticas sociais sobre os sujeitos, questionamos, entre tantas possibilidades, se o trabalho com o gênero tira nas aulas de Língua Portuguesa, de leitura, interpretação e produção textual, pode viabilizar uma discussão sobre diferenças identitárias, forjadas na devida obra por discursos de masculinidade, feminilidade, machismo e/ou feminismo. Para Kobena Mercer (1990 apud HALL, 2005, p. 9), “a identidade só se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”. Esses processos de transformações de identidades do sujeito dão a entender que a própria atualidade está sendo transformada de acordo com os comportamentos e as práticas que atendem a uma dinâmica histórica de mudanças. Ao se expressar sobre uma identidade não fixa, sequer única, assume-se uma visão de identidade como *identificação* que é construída, que está em transformação e nunca acabada (HALL, 2005).

Pensar os efeitos de sentido que estão inscritos nos discursos é alcançar condições históricas que atravessam sua produção e o seu estudo. Com isso, a natureza metodológica que identifica este trabalho é o da pesquisa qualitativa, de cunho interpretativo e documental. Assim, este texto se constitui nos seguintes passos: primeiramente, apresentamos algumas noções fundamentais à teoria da Análise do Discurso e ao conteúdo remissivo às questões enunciativas que discutem a identidade, a masculinidade e a feminilidade. Refletimos em seguida sobre a noção de gêneros discursivos segundo as contribuições teóricas de Bakhtin (2003) e de autores que partilham de seus estudos. Por último, articulamos a análise de duas sequências de tiras extraídas da obra *Gatão de meia-idade: primeiras tiras*, perscrutando os enunciados que embasam seus sentidos e nos convocam a levarmos para a sala de aula de língua portuguesa, por meio do estudo dos gêneros do discurso, reflexões sobre as relações cotidianas que desafiam os sujeitos e as implicações que povoam posicionamentos masculinos e femininos na sociedade.

Esclarecemos que não pretendemos aqui colocar em cena uma dialética entre machismo e masculinidade, nem muito menos tornar opostos os termos machismo e feminismo, uma vez que eles não o são. Tentamos articular aqui, em um estilo que funde teoria e historicidade, uma discussão sobre os enunciados remissivos à masculinidade no gênero tira, conforme o título que nossa pesquisa assinala.

Estudar esse tema a partir de uma perspectiva dos estudos discursivos implica percorrer as vias propostas pela Análise do Discurso de linha francesa. Esta teoria visa descolar a linguagem de uma visão imanentista e situar os enunciados aqui analisados como um efeito de história que, incessantemente, indaga os sujeitos na atualidade.

### **Análise do discurso: revisitando conceitos**

Os sentidos de masculinidade remetem ao que se construiu, cultural e historicamente, sobre a identidade do homem, que não é fixa e acompanha as mudanças na sociedade, como, por exemplo, seus hábitos, gostos e preferências cotidianos. Por outro lado, o machismo é um termo que caracteriza o homem, biologicamente e socialmente, como superior à mulher, desqualificando-a em seu lugar social e subjugando-a em seus posicionamentos políticos e ideológicos.

A feminilidade pode ser aqui definida, conforme Soares (2015, p. 242), “dentro das possíveis variações no tempo e no espaço, a partir de um conjunto de características do padrão heteronormativo: fragilidade; emoção; beleza; verborragia “sem conteúdo”, dependência social e nutriz emocional e física dos outros”. É uma definição atinente à condição histórica e cultural que se atribuiu à mulher. As questões parental, biológica, cultural e social se agrupam e se imbricam nos sentidos dados à feminilidade, ao mesmo tempo em que os opõem à masculinidade. Já o termo feminismo pode ser apresentado aqui por Elizabeth Wright (1997, p. 201) como sendo um posicionamento que “examina os processos pelos quais se concede, ou se recusa, o acesso da mulher ao discurso, e ao mesmo tempo inaugura um novo modo de pensar, escrever e falar”. Neste sentido, o feminismo é a quebra de regra, a ruptura com sentidos historicamente impostos à ordem de submissão e de silenciamentos femininos, é a instauração de um novo modo de existência para a mulher.

Segundo essas definições, ratificamos que não é objetivo desta pesquisa discutir questões remissivas ao feminismo e ao machismo, mas discutir como os enunciados atribuem imagens ao homem e à mulher em sociedade, dividindo-os em condições identitárias. Para Hall (2000, p. 106), “na linguagem do senso comum a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas,

ou ainda a partir de um mesmo ideal”. É nesse espaço de grupo, de coletividade, que a cultura toma voz para classificar e dizer que papéis são atribuídos aos sujeitos em comunidade e como estes devem se portar.

A linguagem nas tiras analisadas, caracteristicamente, materializa sentidos que invocam uma reflexão sobre as identidades do homem e da mulher e as relações que estabelecem entre si. Trabalhar nessa linha de reflexão em sala de aula permite contextualizarmos, junto aos alunos em processo de formação, a realidade no que concerne às relações sociais entre os sujeitos, visando a despertar o senso crítico e a construir posicionamentos mais isonômicos entre homens e mulheres.

Destarte, para elucidar ao leitor sobre as transformações em relação ao conceito de identidade, são fundamentais as ideias de Stuart Hall (2005; 2009), somadas a algumas considerações de autores da Análise do Discurso francesa, como Gregolin (2004) e Fernandes (2008) que discutem noções referentes à subjetividade e à identidade. Para problematizarmos o conceito de gêneros discursivos, os postulados de Mikhail Bakhtin (2003) traduzem os fundamentos básicos para pensarmos como as tiras constituem gêneros em sua relativa estabilidade enunciativa.

Pensar os efeitos de sentido que estão impressos nos discursos é sair de um plano de análise formal da linguagem e alcançar as condições históricas que atravessam sua produção e seu estudo. Estudar alguns conceitos da Análise do Discurso que deram identidade a essa teoria e que significam os sentidos produzidos nos diferentes discursos que circulam na sociedade é elementar a essa reflexão. Ademais, embora seja uma obra fictícia, constituída por tiras, no discurso do *Gatão de meia-idade* materializam-se valores e (pré)conceitos que circulam na sociedade, não apenas nos enunciados dos homens de meia idade, mas nos enunciados que remetem a uma história que identifica sujeitos, a partir da qual nos projetamos.

De acordo com Pêcheux (1997, p. 53),

[...] todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro [...]. Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série [...] de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação.

Depreendemos dessas palavras que o enunciado traduz uma prática social, materializada em linguagem, com nuances e movimentos definidos por condições de existência peculiares, alicerçadas em outros enunciados que lhe permitem uma aparição singular. Pedro Navarro (2008, p. 93) observa que:

[...] se os enunciados têm historicidade, se suas margens são povoadas por outros enunciados formando uma rede interdiscursiva, importa circunscrever uma dada série enunciativa e encontrar, portanto, uma regularidade na dispersão dos discursos sobre esse novo homem e sobre essa nova mulher.

O enunciado tem o diferencial de ser função, uma função que é centralizada e cruza estruturas que nos remetem a dado espaço e tempo. De acordo com Foucault (2002, p. 113):

[...] o enunciado não é a projeção direta, sobre plano da linguagem, de uma situação determinada ou de um conjunto de representações. Não é simplesmente a utilização, por um sujeito falante, de um certo número de elementos e de regras linguísticas. De início, desde sua raiz, ele se delinea em um campo enunciativo onde tem lugar e status, que lhe apresenta relações possíveis com o passado e que lhe abre um futuro eventual. Qualquer enunciado se encontra assim especificado: não há enunciado em geral, enunciado livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo [...].

Tal jogo enunciativo mantém uma rede de relações que dá voz ao enunciado e às condições de sua aparição. Observa-se a presença de diferentes discursos na formação dos enunciados que, “compreendidos como elementos integrantes das regularidades discursivas, inscrevem-se nas situações que os provocam e, por sua vez provocam consequências, mas vinculam-se também, a enunciados que os precedem e os sucedem” (FERNANDES, 2008, p. 43). O enunciado não aparece do nada, mas produz-se nas relações sociais, desvela-se em uma prática discursiva e engendra a voz de um passado que lhe dá estatuto de acontecimento no presente, às vezes rebelde e insurgente, às vezes domesticado e sereno.

Gregolin (2004, p. 88), ao elaborar uma análise com base na concepção foucaultiana sobre enunciado, entende que “em seu modo de ser singular (nem inteiramente linguístico, nem exclusivamente material) o enunciado é indispensável para que se possa dizer se há ou não frase, proposição, e ato de linguagem”. O entendimento do enunciado vai além de sua materialidade, pois, ao proceder de uma condição histórica de produção, ele se realiza na enunciação contextualmente mobilizada nas relações sociais. Uma vez que analisamos as tiras veiculadas na obra supracitada, as quais mobilizam enunciados sobre as mulheres com quem o personagem namora, torna-se necessário discutir um pouco sobre o tema da identidade para alcançarmos os efeitos de sentidos por elas produzidos.

## **A identidade em discussão**

Um suporte teórico que respalde uma reflexão sobre subjetividade, identidade e estereótipos requer perspectivas diferentes. Discutimos aqui esses conceitos na perspectiva da Análise do Discurso francesa que, por sua natureza, é uma disciplina constitutivamente interdisciplinar.

Para Woodward (2000, p. 55), a subjetividade “envolve nossos sentimentos e pensamentos mais pessoais. Entretanto, nós vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual nós adotamos uma identidade”. O sujeito, resulta de sua formação e construção de valores e crenças permeados pela história e pela memória. Fernandes e Alves Júnior (2008, p. 101) assinalam que a identidade se dá pela pluralidade social e decorre de uma produção e/ou construção subjetiva. A pluralidade de discursos que permeia o sujeito resulta de suas relações em diferentes grupos sociais, daí sua heterogeneidade, formada por posturas sócio-históricas e concepções manifestadas por relacionamentos subjetivos, mudanças e transformações sociais.

Para Bauman (2005, p. 19), “as ‘identidades’ flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas”. Assim, a identidade não é permanente, mas está em constante mudança, impõe ao sujeito a vivência de alguma maneira no discurso e na história, por isso, está sempre em produção. Nessa perspectiva, o sujeito e a identidade devem ser observados a partir de ocorrências linguístico-discursivas, uma vez que os enunciados apontam para posições-sujeitos.

Nas palavras de Stuart Hall (2000, p. 106),

[...] a identificação não é, nunca, completamente determinada – no sentido de que se pode, sempre, “ganhá-la” ou “perdê-la”; no sentido de que ela pode ser, sempre, sustentada ou abandonada. Embora tenha suas condições determinadas de existência, o que inclui os recursos materiais e simbólicos exigidos para sustentá-la, a identificação é, ao fim e ao cabo, condicional; ela está, ao fim e ao cabo, alojada na contingência.

Com isso, temos um processo dinâmico que, de certo modo, promove sentidos de instabilidade para o que entendemos por identidade. Os sujeitos estabelecem-se e transformam-se segundo as demandas contextuais em que se encontram. A identificação torna-se um processo de junção, uma pluralidade de fatores heterogêneos, possibilitando várias formas de interpretação.

Para Fernandes (2008, p. 31), “a constituição do sujeito discursivo é marcada por uma heterogeneidade decorrente de sua interação social em diferentes segmentos da sociedade”. Neste sentido, observar a questão da identidade nas tiras de *Gatão de meia-idade* é também entender a pluralidade com que o personagem identifica suas namoradas.

As questões de identidade articulam num mundo instável a diversidade de sentidos que circulam na sociedade e nos diferentes contextos que demarcam o lugar do homem e o lugar da mulher. Conforme Fernandes (2008, p. 34), a identidade não é fixa, está sempre em produção, encontra-se em um processo ininter-

rupto de construção e é caracterizada por mutações. As inúmeras discussões hoje sobre o tema identidade são emblemáticas, concentram-se em compreender causas e consequências do que está sendo discutido e perdas de referenciais que garantam estabilidade às imagens de identidades pessoais e coletivas, como um produto de determinações ideológicas.

Navarro (2008, p. 94), ao analisar as considerações de Hall (2004), Silva (2000) e Sousa Santos (2000), entende que há uma “crise de identidade”. Há também uma desestabilização das velhas identidades de gênero,

[...] que antes desempenhavam um importante papel de estabilização do mundo social. Essa crise seria decorrente de um processo mais amplo de mudança, no qual podemos observar um deslocamento das estruturas e dos processos centrais das sociedades modernas, os quais abalaram os quadros de referência que garantiam aos sujeitos um sentimento de pertença à dada coletividade. Essa crise é, portanto, o declínio das velhas identidades, ancoradas em paradigmas de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que foram a marca da estabilização do mundo social (NAVARRO, 2008, p. 94).

Fernandes (2008, p. 32) complementa tais considerações fazendo referência à identidade como um produto das novas relações sociopolíticas na sociedade. Ela torna-se inacabada por não se esgotarem as transformações sociais pelas quais passa. São transformações que ancoram sua mutabilidade e rompem com sentidos de fixidez que lhe são atribuídos.

Hall (2000, p. 108) entende que as identidades nunca podem ser unificadas e que, na modernidade tardia, elas são cada vez mais fragmentadas e fraturadas, não são singulares, mas multiplamente construídas “ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação”. Assim, há um dinamismo próprio que significa as identidades e uma alteridade que lhes é constitutiva. Essas são características que lhes dão mobilidade, fluidez e as colocam em um processo de constantes mudanças e transformações, tirando-lhes a fixidez e a estabilidade.

Conforme argumenta Jonathan Rutherford (1990, p. 19-20 apud WOODWARD, 2000, p. 19), a identidade marca o encontro de nosso passado com as relações sociais, culturais e econômicas que vivenciamos agora, “a identidade é a intersecção de nossas vidas cotidianas com as relações econômicas e políticas de subordinação e dominação”. Esse olhar relativamente complexo sobre a identidade, entende-a como sujeita ao outro e aos seus posicionamentos. As identidades podem estar em conflito com as mudanças sociais, políticas e econômicas, mas também podem estar em diálogo com elas. As diferenças entre as várias identidades são sempre imaginadas sob diferentes aspectos no mundo contemporâneo.

## O gênero tira: uma proposta de leitura para a sala de aula

Os diversos campos da atividade humana estão relacionados ao uso da linguagem. Consta que o caráter e as formas desse uso sejam tão diversos quanto esses campos. Segundo Bakhtin (2003, p. 261), o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Todos esses três componentes: o conteúdo temático, o estilo, e a construção composicional estão interligados em todo enunciado e são essenciais para os diferentes campos da comunicação.

Para Bakhtin (2003, p. 262):

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. [...] Não se deve, de modo algum, minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros discursivos e a dificuldade daí advinda de definir a natureza geral do enunciado.

A heterogeneidade dos gêneros discursivos é gigantesca e não há um plano específico para seu estudo porque cada fenômeno está ligado a um enunciado. Assim, a língua passa a integrar a vida por meio dos enunciados concretos que realiza; é através de enunciados concretos que a vida entra na língua (BAKHTIN, 2003, p. 265). O gênero, segundo Bakhtin (2003), está determinado por algumas regularidades e variações possíveis em circunstâncias específicas de execução da linguagem.

Ao remeter aos elementos que são constitutivos de todo e qualquer gênero discursivo, Mendes (2004, p. 123) define o conteúdo temático como sendo “as representações semânticas e/ou as redes conceituais dizíveis a partir de um determinado gênero inserido em um dado domínio discursivo”. O gênero tira pode ser encontrado muito comumente no campo jornalístico-midiático, abrangendo diferentes temas. A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, BNCC, 2018) aborda a tirinha no eixo da leitura, como um gênero remissivo à realização de estratégias de leitura, possibilitando o entendimento dos sentidos globais do texto e de seus efeitos. É possível identificar seu registro em algumas habilidades, dentre as quais podemos destacar as seguintes:

(EF69LP03) Identificar, em notícias, o fato central, suas principais circunstâncias e eventuais decorrências abordagem, em entrevistas os principais temas/subtemas abordados, explicações dadas ou teses defendidas em relação a esses subtemas; em tirinhas, memes, charge, a crítica, ironia ou humor presente. (BRASIL, 2018, p. 141).

(EF69LP05) Inferir e justificar, em textos multissemióticos – tirinhas, charges, memes, *gifs* etc. –, o efeito de humor, ironia e/ou crítica pelo uso ambíguo de palavras, expressões ou imagens ambíguas, de clichês, de recursos iconográficos, de pontuação etc. (BRASIL, 2018, p. 141).

Assim, a tirinha pode agregar e despertar diferentes posicionamentos, especialmente, no campo jornalístico-midiático e no campo artístico-literário. Ela pode ser opinativa e despertar discussões que mobilizem, de forma ética e respeitosa, sentidos sobre as relações identitárias e de gêneros.

Bakhtin (2003, p. 283) considera que:

[...] o enunciado é individual, e por isso pode refletir a individualidade de que fala (ou escreve). Em outras palavras, possui um estilo individual. Mas nem todos os gêneros são igualmente aptos para refletir a individualidade na língua do enunciado, ou seja, nem todos são propícios ao estilo individual. [...] A definição de um estilo geral e de um individual em particular requer um estudo aprofundado da natureza do enunciado e da diversidade dos gêneros discursivos. [...] O vínculo indissolúvel, orgânico, entre o estilo e o gênero mostra-se com grande clareza quando se trata do problema de um estilo linguístico ou funcional. De fato, o estilo linguístico ou funcional nada mais é senão o estilo de um gênero peculiar a uma dada esfera da atividade e da comunicação.

Segundo Bakhtin (2003, p. 262), a riqueza e a diversidade dos gêneros são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana. Neste sentido, o autor define três elementos que são constitutivos de cada gênero. São eles o conteúdo temático, estilo e estrutura composicional.

O conteúdo temático e a construção composicional implicam-se com o estilo de modo que este, por meio de recursos linguísticos específicos, lhes atribui em um processo recíproco o tom da singularidade expressão linguística, o adorno de um sentido particular e peculiar ao enunciado, enquanto “unidade real da comunicação verbal” (BAKHTIN, 2003, p. 293). O estilo está indissolúvelmente ligado ao enunciado e a formas típicas de enunciados, associa-se ao plano formal dos métodos argumentativos e eloquentes com os quais se materializam o gênero.

A construção composicional, segundo Bakhtin (2003, p. 284), envolve o tipo de estruturação e de conclusão do todo e o tipo de relação entre o locutor e os outros parceiros da comunicação verbal e contempla, sobretudo, uma dimensão sequencial relativa ao encadeamento sintático-discursivo do texto/enunciado como um todo. Sobre essa dimensão de sequências, Mendes (2004, p. 126) diz que a “construção composicional” traduz o agenciamento de processos semânticos e formais, estabelecendo uma integração mais orgânica entre a dimensão temática e a dimensão estilística dos textos e enunciados. Tal construção envolve diversas variáveis relativas às formas diversificadas de polifonia e de intertextualidade.

Trabalhar com o gênero tira nas aulas de Língua Portuguesa pode consistir em uma iniciativa dinâmica para a realização de discussões sobre temas atuais. Esse seria um propósito interessante para que professor e aluno possam dialogar com temáticas referentes aos posicionamentos e papéis dos sujeitos em sociedade.

Por sua relativa estabilidade, a tira constitui-se em uma semiose enunciativa resultante de uma materialidade verbal e não-verbal, em que geralmente se apresentam cenas em quadros sucessivos que traduzem, de certo modo, um movimento narrativo, cujo efeito de sentido pode ser o humor. Essas definições constituem nossa orientação de análise pois estão na base dos sentidos que norteiam o gênero tira no livro *Gatão de meia-idade: primeiras tiras*.

### O discurso de um gatão da meia idade

Analisamos aqui algumas tiras do livro *Gatão da meia idade: primeiras tiras*, em que o personagem conta suas histórias de relacionamento amoroso com suas namoradas e apresenta sua visão masculina de mundo.

Essa visão masculina, em parte, conduz nossa orientação de análise, pois está na base dos sentidos que norteiam o conteúdo temático do gênero tira do livro em questão. Assim, escolhemos duas sequências, compostas por três tiras cada uma, para serem analisadas. O grupo de sequências se justifica pelo fato de compor uma narrativa em conjunto. Cada sequência tem um tema, o que dá um direcionamento à interpretação. Às vezes, o diálogo entre os personagens começa na primeira tira e só se encerra na terceira, complementando, com isso, o sentido em sua inteireza.

Figura 1: Gatão Pesquisa



Fonte: (PAIVA, 2008. p. 16)

Figura 2: Alma Masculina



Fonte: (PAIVA, 2008. p. 73)

Nas Sequências de tiras 1 e 2, observamos certas regularidades quanto ao **conteúdo temático** que remete à relação entre o personagem Gatão e suas namoradas, à sua visão de homem, atravessada pelo discurso de masculinidade, e às classificações que estabelecem para as mulheres com quem se relaciona. Esses diálogos são marcados por um constante efeito de humor, como na passagem: *80% das mulheres de 30 querem casar e ter filhos. O resto eu não conheço. [...].* O Gatão tem uma aceção marcada historicamente de que a mulher de 30 anseia se casar. São imagens que povoam o cotidiano social de que mulher que não casa carrega o estereótipo da solteirona que ficou para trás. Esses enunciados, sob o crivo do patriarcalismo em seu horizonte misógino, têm certa regularidade na sociedade e refletem condições específicas de existência para a mulher. Segundo a visão do machismo que se filia às posturas vigilantes que regulam o comportamento feminino, o discurso de masculinidade ampara-se e normatiza-se nesse lugar de “natureza” e de pertencimento que é dado à mulher.

O estilo verbal e imagético mobiliza os enunciados dos personagens e produz um efeito de humor. Claro que se estabelece uma relação bem imbricada entre o conteúdo temático, o estilo e a estrutura composicional que acontece na trama enunciativa. A linguagem é marcada por certa informalidade, não há rebuscamento ou uso de palavras de difícil compreensão, conforme se percebe na passagem: *Depois que separei, já transei com quase 10 caras, 2 moças, fundei uma ong, come-*

*cei a fumar, fiz uma lipo... / Quando você se separou? / Tem dez dias[...].* Ou seja, a estereotipização distribui-se por essa sequência enunciativa que atribui uma posição-sujeito à mulher, colocando em evidência um efeito de descontrole sobre suas ações e sexualidade. Institui-se aí um poder que forja o sujeito, que o constitui na ordem do dizer e no campo das relações heteronormativas.

A sexualidade masculinizada do homem hétero é ironizada, na medida em que o personagem tenta essencializar em estereótipos identidades às suas namoradas. O efêmero faz parte da ordem do discurso que, sobremaneira, assegura à mulher uma natureza fenotípica que percorre sua sexualidade, sua aparência, seu corpo, seu vício, sua ansiedade. Tudo isso por meio de um vocabulário acessível, com figuras que materializam no estilo das tiras os usos cotidianos das falas dos sujeitos. Nesses termos, “cabe salientar em especial a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos), nos quais devemos incluir as breves réplicas do diálogo cotidiano” (BAKHTIN, 2003, p. 262). Os diálogos que os personagens instauram são conhecidos do leitor, povoam seu cotidiano e algumas crenças a respeito da mulher, como a instabilidade do seu comportamento.

Neste sentido, os três elementos constitutivos do gênero estão indissociáveis entre si, os três envolvem-se isonomicamente na construção do humor. Mas, o estilo liga-se indissolivelmente à relativa estabilidade com a qual o gênero tira se apresenta. Tratar das relações amorosas em tiras é completamente diferente de abordar esse conteúdo em resenhas acadêmicas. São tiras de humor, cujo escritor as publicava em jornais de circulação nacional. Estas também constituíram outros gêneros, como um filme, lançado em 2006, e uma peça teatral, cuja estreia se deu no mesmo ano.

A construção composicional das tiras efetua-se em unidades formadas por diferentes diálogos e traços que produzem as imagens das personagens masculinas e femininas do texto. O formato composicional das tiras diz respeito à estrutura com que se apresentam: são formadas por diálogos curtos, repetições, usos recorrentes de exclamações, interrogações e reticências. Elas são apresentadas em preto e branco, e mobilizam elementos linguísticos e visuais que também são elementares à construção de um efeito de humor por meio de uma linguagem cotidiana.

No excerto: *Apesar de dizerem o contrário, o homem é um ser muito sensível / é capaz de chorar com um gol de bicicleta, o ronco de uma moto, a bunda redonda de uma morena, e um bolinho de bacalhau*, temos mais um enunciado, como os demais, produzido na cena dialogada das tiras. Na medida em que o Gatão discorre sobre a sensibilidade do homem, ele a constrói ironicamente sob a égide de um poder masculinizado. Isso ratifica a relação inextrincável entre formas de poder e formas de subjetividade consolidadas pelo discurso.

Os sentidos que ele atribui à sensibilidade masculina não condizem com fragilidade, solidariedade e sentimentalidade, nem muito menos com vulnerabilidade. Digamos que, para ele, isso é coisa de mulherzinha. Seus significados estão na contramão do que ele enuncia: o que o faz chorar é “um gol, o ronco de uma moto, a bunda redonda de uma morena, e um bolinho de bacalhau”. Nessa sequência ele define o homem sob o crivo de uma sensibilidade ressignificada masculinamente e se coloca sobre um patamar de autoelogio, de autoafirmação.

Beauvoir (1980, p. 62), em seus estudos, assinala que na Antiguidade, Aristóteles já dizia que “a mulher é mulher em virtude da falta de certas qualidades”. Alguns séculos depois, Michel de Montaigne afirmou que não sem razão as mulheres recusam as regras que são introduzidas no mundo, sobretudo porque os homens as fizeram sem consultá-las (BEAUVOIR, 1980, p. 62). São pensamentos que modelam comportamentos, apesar de pertencerem a um tempo remoto, eles se reatualizam na voz do Gatão e de muitos homens que este personagem representa.

Para Renfrew (2017, p. 90), “o enunciado é, em síntese, um meio pelo qual a estrutura arquitetônica das relações interpessoais, na vida ou na literatura, se torna perceptível em sua eventicidade”. A narrativa das tiras, com as falas dos seus personagens, explana essa questão. Há um evento de relacionamento pessoal entre o Gatão e suas namoradas que traduz essa visão de interação entre o homem e a mulher. De acordo com Bakhtin (2003, p. 418), por estarem enraizados na e pela sócio-história e por ela serem legitimados, definidos pelo tempo/espaço social em que se encontram, os gêneros seriam “zona e campo da percepção de valores e da representação do mundo”. Nas tiras, essa representação se enuncia nos diálogos que o Gatão instaura não apenas com suas namoradas, mas com o leitor e consigo mesmo.

Nesta análise, observamos algumas questões de masculinidade que imprimem um discurso sexista à obra. Na medida em que o personagem se relaciona com as namoradas vai tecendo um olhar sobre a identidade da mulher e ratificando-lhe estereótipos. Consoante Michel Foucault (2002), o sujeito é um efeito dos jogos de enunciados inscritos numa dada formação discursiva. Esta se constitui na dispersão de discursos que emergem com valor de acontecimento. Nas tiras, os enunciados ditos por um personagem homem asseguram a instabilidade que define o lugar da mulher na sociedade. Imprimem-se sentidos às mulheres. A elas são dadas designações, geralmente, conturbadas de comportamento social.

Falar de mulher ou sobre a mulher é habitualmente traduzir um já dito, uma retomada de discursos que se repetem, que regularizam significados para ela na sociedade, ou seja, na medida em que se diz o que a mulher é, se diz o que o homem não é. Eles, a mulher e o homem, assim, são descritos juntos, a presença de uma descrição da alma masculina, inelutavelmente, dá voz a uma descrição da alma feminina, historicamente forjada, e assim por diante.

Beauvoir (1980, p. 14) sustenta que “a mulher sempre foi, se não a escrava do homem, ao menos sua vassala, os dois sexos nunca partilharam o mundo em igualdade de condições”. Por meio dos enunciados analisados, ratificam-se estereótipos. No discurso do Gatão, reforçam-se as imagens de superioridade masculina, de controle e centramento, e estas, por sua vez, reforçam antiteticamente as imagens femininas que foram construídas ao longo de uma história de inferiorização e silêncios.

### Considerações finais

Ao sairmos de uma abordagem formal dos estudos linguísticos, ultrapassamos a fronteira de uma perspectiva puramente linguística, passando a um plano heterogêneo de reflexões sobre o discurso. Analisamos aqui alguns efeitos de sentido produzidos pelos enunciados do personagem *Gatão de meia-idade*. Em seu discurso, a masculinidade notabiliza-se na construção de uma identidade do homem. Pelo olhar do personagem, a identidade da mulher é esmiuçada, designada, caracterizada, regularizada em uma presumida natureza. Tal visão revalida algumas práticas sociais que atestam a superioridade masculina sobre a feminina que se perfaz em uma sociedade histórica e culturalmente patriarcal.

Se um discurso nunca surge do nada, mas reflete a voz de um passado, dando-lhe um estatuto de acontecimento presente, problematizamos um olhar sobre a identidade da mulher em nossa sociedade. Para Woodward (2000), a subjetividade envolve nossos sentimentos e pensamentos mais pessoais, e quando a colocamos em contato constante com um contexto social, adotamos uma identidade. Depreendemos, pela voz do Gatão, que o passado ainda se faz presente nas práticas discursivas preconceituosas que atribuem à mulher um lugar social de inferioridade.

Assim, a análise do discurso do personagem tem sua relevância por, também, nos fazer enxergar esse lugar social que é dado ao homem e ao discurso da masculinidade. Este traduz uma pluralidade identitária dada às suas namoradas. Isso nos faz compreender a heterogeneidade das identidades que não são fixas, nem homogêneas, mas se constituem na pluralidade da interação social sempre moldada pelas condições históricas que lhe dão existência.

Além dos vários estereótipos dados pelo personagem às suas companheiras, em sua voz ressoam enunciados sexistas em relação à mulher, por meio de imagens perpetuadas na sociedade, embora estas tenham sido produzidas nas tiras pela visão do homem.

No que concerne ao ensino de Língua Portuguesa, trouxemos a noção de gênero discursivo, para compreendermos como o estudo de tiras em sala de aula, para além da interpretação textual, pode possibilitar um diálogo entre linguagem, sociedade e subjetividade. Entendemos que, ao abordarmos o gênero tira em sala

de aula, temos uma dinamicidade quanto ao trabalho com a leitura, não apenas por sua configuração enunciativa e multissemiótica, mas por permitir a reflexão sobre diversos campos temáticos presentes na realidade dos sujeitos.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 23. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV, Valentin N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

BAUMAN, Zygmunt, 1925. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo sexo**: fatos e mitos. Tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_publicacao.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf). Acesso em: 02 jan. 2022.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. 2. ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

FERNANDES, Cleudemar Alves; ALVES JÚNIOR, José Antônio. Sujeito discursivo e construção identitária do mendigo. In: NAVARRO, Pedro (org.). **O Discurso nos domínios da linguagem e da história**. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

GREGOLIN, Maria do Rosário. O discurso, o sujeito e a história em A arqueologia do saber. In: GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso**: diálogos e duelos. São Carlos, SP: Claraluz, 2004. p. 84-110.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomás Tadeu da Silva. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MENDES, Paulo Henrique Aguiar. Os gêneros discursivos em debate: análise de uma crônica de L. F. Veríssimo. In: MACHADO, Ida Lúcia; MELLO, Renato de (orgs.) **Gêneros**: reflexões em análise do discurso. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004.

MENDONÇA, Márcia. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza Mendonça. **Gêneros textual e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

NAVARRO, Pedro. Mídia e identidade: o novo homem e nova mulher entre imagens fragmentadas e discursos “líquidos”. In: NAVARRO, Pedro (org.). **O discurso nos domínios da linguagem e da história**. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

PAIVA, Miguel. **Gatão de meia-idade**: primeiras tiras. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

PÊCHEUX, Michel. **Discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas, SP: Pontes, 1997.

RENFREW, Alastair. **Mikhail Bakhtin**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2017.

ROJO, Roxane Helena R; BARBOSA, Jacqueline. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho. Feminilidade/feminino. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio. **Dicionário crítico de gênero**. Dourados: Ed. UFGD, 2015. p. 242-244.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

WRIGHT, Elizabeth. Crítica feminista inteiramente pós-moderna. In: BRENNAN, Teresa (org.). **Para além do falo**: uma crítica a Lacan do ponto de vista da mulher. Tradução de Alice Xavier. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1997.